

# AS CATEGORIAS ASPECTUAIS E A FORMAÇÃO DE CONSTRUÇÕES COM O VERBO LEVE DAR<sup>1</sup>

Ana Paula SCHER<sup>2</sup>

■ **RESUMO:** Este trabalho revela que, embora bastante produtiva, a ocorrência de sentenças com a forma “dar uma Xada em Y”, no português do Brasil, depende de algumas restrições semânticas bastante sistemáticas. Através da observação de um conjunto de dados baseados na intuição de vários falantes do português brasileiro, descreve-se, em termos dos traços temporais que compõem as categorias aspectuais, a interpretação semântica que se pode atribuir a sentenças como essas, em que uma nominalização em **-ada** ocorre associada ao verbo leve **dar**. Ao final, sugere-se que a formação de tais sentenças depende da presença ou não de alguns dos traços temporais intrínsecos às eventualidades denotadas pelos predicados dos quais derivam.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Categorias aspectuais. Traços temporais. Verbos leves. Nominalização.

---

<sup>1</sup> Agradeço a Jairo Nunes, meu ex-orientador de doutorado, por sua contribuição para o desenvolvimento de algumas idéias que aparecem nesse texto. Também agradeço a Márcia Cançado, Maria José Foltran, Esmeralda Vailati Negrão, além de dois pareceristas anônimos pelos comentários e sugestões para versões anteriores deste trabalho. Os problemas remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Departamento de Lingüística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP – 05508-900 – São Paulo-SP, Brasil. E-mail: anascher@usp.br.

## Introdução

As construções com o verbo leve (CVL) **dar** no português do Brasil (PB) ocorrem de forma bastante produtiva, como podem apontar os exemplos abaixo.

- (1) O João deu uma empurrada no carrinho.
- (2) O João deu uma sumida.
- (3) Deu uma esfriada agora.

Essas sentenças se formam a partir da combinação do verbo leve **dar** com nominalizações de diversos tipos, formadas a partir de raízes diferentes, que fazem derivar, também, verbos transitivos, intransitivos – inacusativos ou inergativos –, além de verbos de alternância ergativa e verbos que não selecionam argumentos. No entanto, os exemplos em (4) e (5) desafiam a produtividade do processo de formação de CVLs, sugerindo a existência de certas restrições que devem ser identificadas.

- (4) \*A Maria deu uma vencida na prova.
- (5) \*A Maria deu uma acreditada em Deus.

Neste trabalho, procuro demonstrar que há restrições semânticas à formação das CVLs com **dar**, investigando a natureza aspectual do predicado que compõe a CVL. O trabalho está assim organizado: primeiramente, descrevo as CVLs com **dar** no PB como resultado da associação desse verbo a uma nominalização em **-ada**. Em seguida, apresento as propostas de classificação dos verbos em categorias aspectuais de Vendler (1967) e Smith (1991), para descrever a interpretação semântica das CVLs com **dar**, além das propriedades aspectuais dos predicados que formam ou não as CVLs. Por fim, proponho uma relação entre a formação de CVLs com **dar** e a presença de alguns traços semânticos intrínsecos a predicados, a partir dos quais essas construções não se formam.

## Forma geral das CVLs

As CVLs com **dar** são comuns em PB<sup>3</sup>. Nelas, uma forma leve desse verbo se associa a uma nominalização em **-ada**, resultando na forma geral “**dar** uma **Xada** em **Y**” (BASÍLIO, 1999). Assim, apresentam a forma V-XP-PP, e admitem paráfrases com a forma verbal correspondente à nominalização que se associa a **dar**.

(6) O Pedro deu uma incrementada na receita. / O Pedro incrementou a receita.

Na primeira sentença em (6), **X** se representa por **increment-** e **Y** por **a receita** – “dar uma incrementada na receita”. Essa sentença se parafraseia pela segunda, em que o verbo tem a mesma raiz da nominalização.

Além disso, nas CVLs, a nominalização associada a **dar** pode ter a mesma raiz de um verbo, como em (7), ou de uma outra forma nominal, como em (8), ou pode ainda ter uma raiz que se constitui em empréstimos de outra língua, como em (9). Pode ser, também, um nome como **sono** ou **raiva**, em (10)<sup>4</sup>, que ocorre sem o artigo indefinido.

(7) A Maria deu uma empurrada no carrinho.

(8) A Maria deu uma garrafada na cabeça do ladrão.

(9) A Maria deu uma escaneada em alguns textos.

(10) A conversa da Maria dá sono em todo mundo.

Este trabalho prioriza sentenças como (6), (7) e (9), que denotam eventualidades<sup>5</sup> que, de certa forma, têm propriedades semelhantes. Em (9), a nominalização em **-ada** tem a mesma raiz que o verbo **escanear**,

---

<sup>3</sup> A observação informal dos dados do PB sugere que sentenças como essas ocorram com mais frequência no português falado que no escrito. No entanto, uma busca aleatória por expressões dessa natureza em sítios da *internet* revela um grande número de ocorrências da forma “dar uma X-ada” também em textos escritos de caráter mais informal.

<sup>4</sup> Sentenças como essa assumem um sentido causativo.

<sup>5</sup> Seguindo Bach (1986) e Parsons (1990, p.20), uso este termo como representante das três categorias principais de situações descritas por sentenças, nomeadamente eventos, estados e atividades.

incorporado ao léxico do PB a partir do verbo *to scan* da língua inglesa. O verbo incorporado apresenta todas as propriedades que um verbo de primeira conjugação apresenta no PB. Por esse motivo, o exemplo em (9) será tratado exatamente da mesma forma que os exemplos em (6) e (7).

## A classificação dos verbos em categorias aspectuais

A classificação de verbos introduzida por Aristóteles (1984) apresenta duas classes fundamentais: **estados** e **eventos**. Verbos de **estado**, ou de **atualidades**, expressam a existência de uma situação. Verbos de **eventos** expressam processos, de um modo geral. A classe dos verbos de eventos se subdivide em outras duas e a distinção entre elas depende da existência ou não de uma idéia de fim ou ponto de culminância inerente ao significado do verbo que denota este evento. Assim, verbos de eventos podem ser verbos de **ação** ou de **movimento**. Um verbo de **ação** tem, em seu significado, a idéia de fim ou de culminância de um processo. Um verbo de **movimento**, por outro lado, expressa um processo incompleto, um evento a que falta fim ou ponto de culminância.

Vendler (1967) retoma essa classificação, relacionando-a a quatro classes de predicados nas línguas naturais. Para ele, os verbos se agrupam em classes que denotam **estados**, **atividades**, *accomplishments* e *achievements*. Essas classes definem o aspecto situacional de um verbo, sua *Aktionsart*. O autor expande a classificação aristotélica dos verbos de **ação** e apresenta uma subdivisão para essa classe: verbos de **ação** expressam dois tipos de processos com culminância inerentes. A culminância pode ser instantânea (*achievement*), ou não, ou seja, nesse último caso pode haver um processo que leva a essa culminância (*accomplishment*). Dessa forma, as classes verbais ficam assim definidas: **estados** denotam eventualidades que não são **ações** nem movimentos, e que se mantêm por um determinado intervalo de tempo, como em (11). **Atividades**, como (12), têm natureza eventiva, já que denotam um processo expresso por um verbo de movimento; ocorrem durante um certo tempo, mas não terminam, necessariamente, em um ponto definido. *Accomplishments* e *achievements* também são eventivos, mas têm um ponto final inerente; *accomplishments* ocorrem em direção a esse ponto final, como em (13), enquanto que *achievements* ocorrem em um único momento, como em (14).

- (11) Pedro lembra o pai dele.
- (12) Pedro nada bem.
- (13) Pedro desenhou uma bola.
- (14) Pedro caiu.

Se os trabalhos pioneiros de Aristóteles (1984), Ryle (1949), Vendler (1967) ou Bach (1986) assumiam o verbo como o objeto da classificação, outros mais recentes, como Verkuyl (1972, 1993), Dowty (1979, 1991) ou Tenny (1994), mostram que as propriedades dos objetos, adjuntos e outros elementos da oração contribuem para determinar o tipo de eventualidade descrito pela sentença como um todo: muitos verbos têm comportamento variável, dependente de contexto, e não aceitam uma classificação rigorosa em termos das categorias aspectuais de Vendler (1967)<sup>6</sup>.

Castilho (1968) considera o aspecto uma categoria léxico-sintática que se caracteriza pela interação entre o sentido que a raiz do verbo ou do substantivo contém e os elementos sintáticos, tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional. Verkuyl (1972) também reconhece os efeitos dessa interação e apresenta um amplo estudo sobre os efeitos da quantidade denotada pelos argumentos do verbo sobre a *Aktionsart* da predicação de que esse verbo faz parte. Por exemplo, (15) e (16) são sentenças que denotam eventualidades do tipo evento (em oposição a estado), ou seja, há um processo descrito por essas sentenças. No entanto, em (15), tem-se a expressão de uma eventualidade do tipo de *accomplishment*, visto que é possível identificar um fim inerente associado ao processo denotado por essa sentença. Por sua vez, (16) denota uma atividade, pois é a expressão de um processo ao qual não se associa a noção de culminância.

- (15) Pedro construiu cinco casas.
- (16) Pedro constrói casas.

---

<sup>6</sup> Maria José Foltran (comunicação pessoal) me apontou que pode ser uma crítica injusta dizer que Vendler (1967) leva em consideração apenas o item lexical, para determinar o tipo de eventualidade denotada pela expressão linguística, enquanto alguns autores que vieram depois dele mostram que outros termos da oração podem contribuir para essa determinação. Ela lembra que é de Vendler a classificação de correr como atividade e de "correr uma milha" como *accomplishment*, o que indica que ele já contemplava, embora não explicitamente, a questão de que a classificação deve levar em conta todo o VP.

A presença de nomes contáveis ou de massa na estrutura argumental também influencia a *Aktionsart* da predicação. (17) expressa uma atividade, pois descreve uma eventualidade que se desenvolveu em um determinado intervalo de tempo, sem apontar para um ponto final. Por outro lado, (18) denota um *accomplishment*, já que a expressão “um copo de suco de laranja” determina o ponto final dessa eventualidade. Assim, **eventos** (*accomplishments* e *achievements*) são expressos por sentenças em que nomes contáveis ocupam posições argumentais de um predicado, enquanto **estados** ou **atividades** resultam da presença de nomes de massa em posições argumentais dos predicados.

(17) Pedro tomou suco de laranja.

(18) Pedro tomou um copo de suco de laranja.

Smith (1991) expande um pouco mais a classificação proposta por Vendler (1967). A autora sugere cinco classes distintas para as eventualidades expressas pelas sentenças das línguas naturais que se definem por um conjunto de propriedades temporais composto por **estaticidade**, **dinamicidade**, **instantaneidade**, **duração**, **telicidade** e **atelicidade**. A combinação dos traços semânticos dos pares **estático/dinâmico**, **instantâneo/durativo** e **télico/atélico** define as classes de eventualidades. Uma primeira distinção se faz entre estados e eventos, de modo geral, exatamente como nos modelos anteriores. As sentenças abaixo servirão de exemplos para a verificação dos parâmetros:

(19) Bruno ama Rafaela.

(20) Bruno escreveu algumas cartas.

(21) Bruno escreveu a carta.

(22) Bruno terminou o dever de casa.

(23) Bruno tossiu muito ontem.

Os **estados**, como (19), são estáticos: ocorrem em um período único indiferenciado, constituindo uma eventualidade diferente de **atividades** e **eventos**, que são dinâmicos por consistirem de estágios sucessivos que

ocorrem em momentos diferentes – cf. (20) a (23)<sup>7</sup>. Além disso, **estados** – como (19) –, são sempre durativos, enquanto que **atividades** e **eventos** podem ser durativos – como (20) ou (21) –, ou instantâneos – como (22) ou (23). Finalmente, **estados** serão sempre atélicos e **atividades** e **eventos** podem ser atélicos – cf. (20) e (23) – ou télicos – cf. (21) ou (22). Para Smith (1991), uma eventualidade télica contém uma mudança de estado que constitui seu resultado ou alvo. A eventualidade se completa quando o alvo é atingido e a mudança de estado se concretiza. É um limite final intrínseco à eventualidade. Uma eventualidade atélica não tem esse limite final intrínseco, constituindo-se em um processo sem culminância. Não há resultado, nenhum alvo é atingido. Ao contrário das eventualidades télicas, com limite final natural, as atélicas só podem ter um limite final arbitrário e, assim, poderão ser interrompidas a qualquer instante.

O modelo de Smith (1991) prevê, assim, a existência das cinco categorias aspectuais definidas em (24):

(24) a. estado	[estático, durativo, atélico]
b. atividade	[dinâmico, durativo, atélico]
c. <i>accomplishment</i>	[dinâmico, durativo, télico]
d. <i>achievement</i>	[dinâmico, instantâneo, télico]
e. <i>semelfactivo</i>	[dinâmico, instantâneo, atélico]

A atribuição de propriedades concretas ou abstratas, posse, locação, crença e outros estados mentais e a descrição de hábitos podem exemplificar as eventualidades denominadas **estados**, que se mantêm por um intervalo de tempo, sendo, portanto, estáticas e durativas. Alguns exemplos são “estar em Campinas”, “acreditar em Deus”, “ser comum”, “pensar (acreditar) que é feliz”, entre outros. Como constituem um período único, indiferenciado, os estados não têm estrutura interna<sup>8</sup>, e não apresentam, assim, limites iniciais ou finais. Se for possível identificar o momento em que um estado passa a ser ou deixa de ser verdadeiro, como,

<sup>7</sup> Smith (1991, p.40-41) assume ainda que o traço dinamicidade tem dois tipos de correlatos lingüísticos: eventualidades dinâmicas podem ter agentes (fontes de energia e volição) e podem ser habituais.

<sup>8</sup> Estados são eventualidades que se desenvolvem em um período único indiferenciado, sendo impossível identificar, para elas, uma seqüência de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes.

respectivamente, em “Bruno passou a acreditar em Deus” e “Bruno parou de acreditar em Deus”, esse momento, um limite inicial ou final, não fará parte desse estado, mas de uma outra eventualidade independente.

Atividades se realizam lingüisticamente por expressões como “empurrar o carrinho”, “dormir”, “rir”, “pensar sobre a vida”, entre outras. Diferentemente de estados, têm uma estrutura interna, já que se compõem de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes. São processos que envolvem atividade física ou mental e seus traços temporais são dinamicidade, duratividade e atelicidade. Só podem ter um limite final arbitrário, independente de sua estrutura: podem ser interrompidas, mas não se completam, por não terem um limite final natural. Se expressões adverbiais, como “por uma hora” ou “do meio-dia às seis”, ocorrem em sentenças que denotam atividades, como “Bruno dirigiu”, formando “Bruno dirigiu de meio-dia às seis”, as propriedades do predicado original se alteram e a sentença passa a denotar uma eventualidade com traços de telicidade, um *accomplishment* derivado.

*Accomplishments* compõem-se de um processo<sup>9</sup> e um resultado ou mudança de estado: “beber um copo de água”, “construir uma casa” ou “preparar um prato”. Apresentam um limite final intrínseco e podem ser definidas pelas propriedades de dinamicidade, duratividade e telicidade. A mudança de estado nos *accomplishments* ocorre de formas variadas e alguns de seus resultados mais comuns se realizam em objetos afetados (“dobrar uma camisa”), construídos (“escrever uma carta”), consumidos (“destruir uma casa”), experienciadores afetados (“distrair a Maria”) ou na relação caminho-alvo (“caminhar para a escola”).

*Achievements* são dinâmicos e instantâneos e téllicos, resultando em mudança de estado: “reconhecer o amigo”, “chegar ao topo”, “ganhar a corrida”. Têm um único estágio, são dissociadas de um processo<sup>10</sup> e são verdadeiros apenas para o momento em que se realizam. Assim como nos *accomplishments*, a mudança de estado nos *achievements* ocorrerá mais freqüentemente em objetos afetados (“perder um papel”), construídos

---

<sup>9</sup> Já que implicam dinamicidade e uma certa duração.

<sup>10</sup> Alguns *achievements* podem conter processos preliminares a eles associados: “alcançar o topo”, “definir um parâmetro”, etc. Esses processos não fazem parte do *achievement*: o processo “de subir a montanha” não faz parte da eventualidade de “alcançar o topo”. É, possivelmente, uma condição para a realização dessa eventualidade, mas não é parte dela, pois pode-se “chegar ao topo” de helicóptero, por exemplo.



("imaginar uma cidade"), consumidos ("explodir uma bomba"), em experienciadores afetados ("ver um cometa")<sup>11</sup> ou na relação caminho-alvo ("chegar a São Paulo").

Finalmente, "soluçar", "tossir", "bater na porta" ou "levantar a bandeira" denotam eventualidades dinâmicas, instantâneas e atéticas<sup>12</sup> e constituem a classe que Smith (1991) denomina *semelfactivos*. Consistem de um único estágio, sem processo, resultado ou consequência associados: expressam apenas a ocorrência da própria eventualidade.

Vimos, nessa seção, que os traços estaticidade/dinamicidade, instantaneidade/duratividade e telicidade/atelicidade compõem as classes aspectuais de Smith (1991). A autora identifica o limite final intrínseco ou arbitrário na distinção entre as eventualidades: estados, atividades e *semelfactivos* não têm um limite final intrínseco, dependendo de limites arbitrários, para deixar de ser ou de ocorrer. Por outro lado, eventualidades do tipo de *accomplishments* e *achievements* apresentam um limite final natural. Smith (1991) servirá de base para a descrição das CVLs que apresentarei adiante.

## A interpretação das CVLs

A observação das CVLs com **dar** no PB revela que sua interpretação pode ser descrita de modo bastante sistemático. Apresentarei, a seguir, as possibilidades de interpretação de sentenças desse tipo, começando com o mini-diálogo em (25):

(25) A: Mas ela emagreceu mesmo com a tal sopa?

B: Ah! Ela deu uma emagrecida, sim.

Os falantes A e B parecem compartilhar da idéia de que **emagrecer** significa algo diferente, talvez algo mais do que "dar uma emagrecida" e,

---

<sup>11</sup> Aqui a mudança de estado ocorre no referente do sintagma nominal que será o sujeito desse predicado, nesse caso, seu experienciador.

<sup>12</sup> "Levantar a bandeira", embora pareça estranho, não tem um limite final intrínseco; tal limite pode, no entanto, ser acrescentado à sentença, caso em que ela passaria a ter uma leitura tética. Veja a sentença: "a menina levantou a bandeira até o ponto mais alto". Aqui há um alvo claro a ser atingido.

para os padrões de ambos, a pessoa de quem se fala ainda não emagreceu de fato. A pessoa de quem se fala emagreceu um pouco, mas ainda não é magra. É essa interpretação de “um pouco” que, em geral, está presente nas CVLs. Para ampliar essa discussão, retomo dois dos exemplos de (7) a (10), em (26) e (27). Essas sentenças têm paráfrases com a forma verbal correspondente à nominalização associada a **dar** e têm, aproximadamente, os significados em (28) e (29):

(26) A Maria deu uma empurrada no carrinho.

(27) A Maria deu uma escaneada em alguns textos.

(28) A Maria empurrou o carrinho.

(29) A Maria escaneou alguns textos.

A observação de que as CVLs se interpretam aproximadamente da mesma forma que suas paráfrases com verbos plenos sugere, inicialmente, que a contribuição semântica do verbo **dar** nesses casos é muito pequena, talvez inexistente: as interpretações possíveis para as sentenças derivam de um processo composicional de construção do sentido, em que cada um de seus elementos participa ativamente da composição do significado, resultante da combinação dos elementos. Assim, se a composição de significados culmina com a mesma interpretação para CVLs e suas paráfrases com verbos correspondentes à nominalização da CVL, então, parece que **dar**, nas primeiras, não contribui com conteúdo semântico para a construção do significado da sentença.

É preciso, no entanto, ter cuidado com essa caracterização do verbo leve **dar** em CVLs. A propriedade mais comumente atribuída a um verbo leve – ser vazio de significado – é extremamente geral e não parece se aplicar sem restrições. Talvez fosse possível falar que um verbo leve é um “verbo tematicamente vazio, ao qual se associam marcas de pessoa e tempo”, como faz Jespersen (1949, v.6, p.117). No entanto, os exemplos que discutiremos a seguir mostrarão que há mais informações interpretativas nas CVLs do que já apontamos até agora e o verbo **dar** é um dos possíveis portadores dessas informações.

A comparação entre as expressões abaixo e seus significados indica a participação importante do verbo leve **dar** para a construção de uma

interpretação paralela à que foi descrita para o exemplo em (25), ou seja, a interpretação de “um pouco”:

(30) João caminhou / estudou / passeou.

(31) João fez uma caminhada / um estudo / passeio.

(32) João deu uma caminhada / estudada / passeada.

Todos os exemplos em (32) têm interpretação de “um pouco”, diferentemente de seus correspondentes em (30) e (31). Esse fato evidencia, assim, o papel do verbo leve **dar** na produção desse efeito, uma vez que os exemplos em (30) e (31), que não contam com esse verbo em sua representação, não admitem essa leitura. Por outro lado, a presença do verbo leve **dar** sem a nominalização em **-ada** também não resulta na interpretação de “um pouco”, como se pode perceber pelo contraste entre (33) e (34):

(33) O João deu uma explicação para o problema.

(34) O João deu uma explicada no problema.

Entre “dar uma explicação” e “dar uma explicada”, só o último exemplo pode ser lido como “um pouco”. Assim, somente a associação entre o verbo leve **dar** e a nominalização em **-ada** pode garantir a interpretação de “um pouco”, geralmente observada nas CVLs com **dar**.

Além da observação de que CVLs significam aproximadamente o mesmo que suas paráfrases com verbos plenos, é importante atentar para o fato de que, em pares como (35) e (36), só as sentenças do tipo de (36) implicam a realização, por completo, de uma eventualidade. (36) é interpretada como “José varreu a sala toda”, o que não é necessariamente verdadeiro para (35): os exemplos em (37) e (38), apontados por Jairo Nunes (informação verbal)<sup>13</sup>, confirmam as interpretações sugeridas. Assim, “mas a metade ficou sem varrer” só poderá ser a continuação de (35), nunca de (36), que implica a varredura completa da sala e, portanto,

---

<sup>13</sup> Exemplos apontados em sessões de orientação no Curso de Doutorado em Linguística da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.

será incompatível com uma informação adicional que indique que parte da sala não foi varrida.

(35) Como faz todos os dias, o José deu uma varrida na sala e saiu.

(36) Como faz todos os dias, o José varreu a sala e saiu.

(37) O José deu uma varrida na sala, mas a metade ficou sem varrer.

(38) \*O José varreu a sala, mas a metade ficou sem varrer.

A CVL gera, assim, a interpretação de que a sentença expressa “um pouco” ou “parte da” eventualidade por ela denotada. Os pares em (39) e (40) confirmam essa observação, já que a interpretação que se tem das CVLs é a de que algo aconteceu parcialmente, ou seja, aconteceu “um pouco” das eventualidades de “a flor murchar” e “a Ana emagrecer”.

(39) A flor deu uma murchada. / A flor murchou.

(40) A Ana deu uma emagrecida. / A Ana emagreceu.

Diesing (1997) já havia feito observações semelhantes. Com base no iídiche, a autora apresenta as generalizações seguintes, sugerindo um efeito comum para a interpretação das CVLs dessa língua: (a) predicados atélicos tornam-se télicos e breves, ou **diminutivizados**; (b) se o predicado atélico é serial, a **diminutivização** resulta na interpretação *semelfactiva*, de ação de um tempo só; (c) se o predicado atélico é não-serial, a duração do evento é truncada, **diminutivizada** e a interpretação resultante é a de “um pouquinho”; (d) se o predicado é télico, o efeito **diminutivizador** pode refletir um aumento da velocidade da ação.

Esse efeito diminutivizador também se manifesta na interpretação das CVLs do PB. Os dados em (35) e (37), de (39) a (40), bem como os de (41) a (44), mostram a diferença entre a interpretação de CVLs e a de suas paráfrases com a forma verbal correspondente à nominalização: só as CVLs apresentam a interpretação de diminutivização.

(41) Vou dar uma andada de bicicleta.

(42) Vou andar de bicicleta.

(43) O bebê deu uma soluçada e dormiu em seguida.

(44) O bebê soluçou e dormiu em seguida.

## **Os traços temporais de Smith (1991) e as CVLs com dar**

Nos exemplos em (35), (37), (39) e (40), as CVLs se formam a partir dos predicados “varrer a sala”, “murchar” e “emagrecer”. Nos três casos, temos expressões que denotam eventualidades dinâmicas (consistem de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes), durativas (ocorrem em um intervalo de tempo) e télicas (expressam uma mudança de estado que constitui o seu resultado ou alvo). Em (41) e (43), as eventualidades denotadas pelos predicados “andar de bicicleta” e “soluçar” são, respectivamente, dinâmica, durativa e atélica, e dinâmica, instantânea e atélica. Se, no entanto, retomarmos, em (45) e (46), as sentenças em (4) e (5), verificaremos que os traços temporais envolvidos aqui diferem dos que identificamos nos exemplos discutidos acima.

(45) \*A Maria deu uma vencida na prova.

(46) \*A Maria deu uma acreditada em Deus.

Em (45), temos o predicado “vencer a prova”, que denota uma eventualidade dinâmica, instantânea e télica. Em (46), por outro lado, ocorre uma expressão derivada de “acreditar em Deus”, que denota uma eventualidade estática, durativa e atélica. Como mostram os exemplos, as CVLs não se formam nesses casos. Será preciso verificar, então, entre os traços presentes nos predicados que derivam CVLs com **dar**, os que admitem a modalização por “um pouco”, que resultará na leitura de diminutivização dessas construções.

## **Estaticidade e dinamicidade**

Uma primeira observação sugere que, dos traços propostos por Smith (1991) para caracterizar uma eventualidade, o traço estaticidade é avesso à modalização por “um pouco”. Realmente, não parecer ser possível pensar

em uma eventualidade que seja “um pouco estática”. Nenhuma das eventualidades denotadas pelos predicados que derivam as CVLs tem o traço estaticidade. Na realidade, não é bem sucedida a tentativa de se formarem CVLs com predicados que denotam eventualidades com o traço estaticidade:

(47) \*O Bruno deu uma acreditada no que o pai disse.

(48) \*As mães dão uma amada em seus filhos desde o nascimento deles.

**Estado** tais como “acreditar no que o pai disse” e “amar seus filhos” não ocorrem em CVLs com **dar**. São eventualidades estáticas, durativas e atéticas. A discussão anterior aos exemplos acima mostrou que eventualidades durativas, como as denotadas por “varrer a sala”, “murchar”, “emagrecer” e “andar de bicicleta”, e outras atéticas, como as denotadas por **soluçar** não oferecem restrições à formação da CVLs com **dar**, sugerindo que o traço estaticidade é o responsável pela má formação de (47) e (48).

De modo paralelo, o resultado da modalização do traço dinamicidade não é trivial: será a denotação de uma eventualidade menos dinâmica que a original, mas não estática. Assim, se **dinamicidade** se traduz pela presença de estágios sucessivos no desenvolvimento da eventualidade, a ação da modalização sobre esse traço resultará em uma eventualidade com menos estrutura interna, ou seja, com menos estágios. Qualquer CVL, em princípio, pode verificar esse tipo de modalização. Veja, por exemplo, que a estranheza de (49), na comparação com (50), parece indicar que há menos estágios em “dar uma lida” que em “ler”.

(49) ?Eu não entendi o texto, por que eu só li ele.

(50) Eu não entendi o texto, por que eu só dei uma lida nele.

A presença de “só” em (50) indica que, ao dizer “dei uma lida”, o falante entende que realizou apenas alguns dos estágios que compõem a eventualidade de “ler”. É como se ele dissesse: “Só dei uma lida, pra ler, falta ainda muita coisa...”. Por outro lado, em “li”, todos os estágios dessa eventualidade foram realizados. Daí a incompatibilidade com “só”.

“Ler o texto” é um *accomplishment*, mas qualquer outro predicado que denote uma eventualidade diferente de **estado**, ou seja, com traço **dinamicidade**, pode, em princípio, compor uma CVL. Assim, **atividades**, tais como “passear” ou “estudar”, *accomplishments* como “lavar o carro” ou “limpar a casa”, *achievements* como “rasgar o jeans” ou “imaginar a situação” e *semelfactivos* como “tossir” ou “soluçar” admitirão a formação de uma CVL com **dar**.

## Duratividade e instantaneidade

No caso em que a modalização com “um pouco” atinge o traço **duratividade**, a eventualidade denotada pela CVL tem duração um pouco menor que a original, como em (41). A não ser pelos predicados que denotam eventualidades do tipo de estados, qualquer eventualidade que contenha o traço duratividade entre as suas especificações poderá compor uma CVL. Assim, atividades e *accomplishments*, em princípio, não apresentarão restrições à formação de CVLs.

Para discutir o traço instantaneidade, é preciso observar que os exemplos indicam que todos os traços, com exceção de estaticidade, ocorrem em predicados que admitem a formação de uma CVL com **dar**. Isso não significa, no entanto, que todos eles serão modalizados por “um pouco”. O traço instantaneidade, por exemplo, é, por natureza, resistente à modalização por “um pouco”, já que não se pode falar em “um pouco de um instante”. Assim mesmo, integra um predicado como **soluçar**, que pode compor uma CVL com **dar** e outro como “rasgar o jeans”, que também admite a CVL. Essa observação sugere que nem todos os traços de um predicado precisam ser afetados pela modalização: se um deles puder ser modalizado por “um pouco”, a CVL com **dar** poderá se formar. Isso explica a formação de “**dar** uma soluçada” ou “**dar** uma rasgada no jeans”, em que a modalização por “um pouco” atingiria o traço dinamicidade ou os traços atelicidade e telicidade, respectivamente. Por outro lado, será necessário explicar, ainda, por que os traços duratividade e atelicidade não poderiam ser atingidos pela modalização por “um pouco” em predicados estativos, como “acreditar em Deus”, que são estáticos, durativos e atélicos.

## Atelicidade e telicidade

Os efeitos da modalização por “um pouco” nos traços telicidade e atelicidade não são muito claros, mas, para a verificação da hipótese inicial de que esses traços também podem ser modalizados, vamos supor que, se o traço telicidade é afetado, o resultado é a interpretação de incompletude, em (37), (39) ou (40); a modalização da atelicidade, por sua vez, acrescenta um limite final arbitrário à eventualidade, mas não a torna télica: nesse caso, o resultado da modalização é uma eventualidade que se desenvolve em um intervalo de tempo mais breve que o original, como em “A Ana deu uma corrida”, ou mesmo uma única vez, como em “o bebê deu uma soluçada e dormiu em seguida”.

## Discussão

A formação da CVL afeta as propriedades aspectuais dos predicados envolvidos, atingindo, em princípio, a dinamicidade, a duratividade, a atelicidade ou a telicidade das eventualidades que denotam. A estrutura das CVLs deve, então, conter elementos que reflitam essas alterações: nas CVLs, há menos dinamicidade, como em (50), a duração é sempre mais curta, como em (35), (41), (43) e (50), a telicidade, mudança de estado ou completude da eventualidade é parcial, como em (35), (37), (39), e (40) e, finalmente, a afetação da atelicidade pode resultar em eventualidade atélica singularizada, como (43).

Os dados que analisei, baseados em minha própria intuição e na intuição de vários outros falantes do PB, mostram, também, que a formação das CVLs e o conseqüente efeito de diminutivização dependem, ainda, do respeito a algumas condições semânticas. Assim, CVLs só se formam de predicados com traços semânticos que permitam a modalização diminutivizadora. Os predicados “acreditar em Deus” ou “alcançar o topo da montanha” denotam, respectivamente, eventualidades estáticas e instantâneas e não formam CVLs.

(51) \*O João deu uma acreditada em Deus.

(52) \*O João deu uma alcançada no topo da montanha



Como generalização inicial, vamos dizer que a presença de **estaticidade** ou **instantaneidade** na eventualidade denotada pelo predicado restringe a formação de CVLs com **dar**. Já de início, é possível perceber a fragilidade dessa generalização, visto que o traço **instantaneidade**, por exemplo, está presente tanto em predicados que compõem, quanto em predicados que não compõem CVLs. Mesmo assim, ela será nosso ponto de partida, em busca de uma generalização mais apropriada.

## **Confirmando padrões para a formação de CVLs com dar em PB**

Nesta seção, apresento outras CVLs, ou casos em que a formação desses tipo de sentença não é possível, para refinar as generalizações sugeridas. Começo discutindo sentenças comuns e CVLs com o verbo **dormir**. Esse verbo é ambíguo entre as leituras durativa – “estar adormecido”, em (53) –, e instantânea – “passar do estado de acordado para o de adormecido” ou “pegar no sono”, em (54). No primeiro caso, a eventualidade é dinâmica, durativa e atélica, uma **atividade**. No segundo, é dinâmica, instantânea e télica, um *achievement*. Percebe-se que somente a leitura durativa se presta à formação de CVLs com a nominalização “dormida”, como mostram os exemplos em (55) e (56).

(53) O João dormiu bem à tarde.

(54) O João dormiu às 10 em ponto.

(55) O João deu uma boa dormida à tarde.

(56) \*O João deu uma dormida às 10 em ponto.

(57) e (58) são evidências de que a formação de uma CVL mantém o traço durativo na nova eventualidade denotada. Se (57) admite as interpretações “João chegou, quando eu já estava dormindo” (durativa) e “João chegou na hora em que eu peguei no sono” (instantânea), (58) só é interpretada como “João chegou quando eu já tinha dormido um pouco”.

(57) Quando eu dormi, o João chegou.

(58) Quando eu dei uma dormida, o João chegou.

Observa-se, então, que, se é possível identificar um intervalo de tempo em que a eventualidade em questão se realiza, a CVL se forma. Dessa forma, podemos sustentar nossa generalização inicial que aponta a ocorrência do traço instantaneidade como uma restrição à formação de CVLs, como mostram outros exemplos de (59) a (61):

(59) O José ganhou a partida de tênis. / \*O José deu uma ganhada na partida de tênis.

(60) A mãe do João morreu. / \*A mãe do João deu uma morrida.

(61) O João perdeu o livro da Ana. / \*O João deu uma perdida no livro da Ana.

(62) e (63), no entanto, desafiam essa generalização, pois a eventualidade denotada por (62) é dinâmica, instantânea e atélica. O traço instantaneidade está presente, mas, ainda assim, a CVL em (63) é bem formada:

(62) O bebê tossiu.

(63) O bebê deu uma tossida.

(62) é ambígua entre a interpretação em que o bebê tossiu por um certo período e aquela em que ele tossiu uma única vez. Na interpretação em que o bebê tossiu uma única vez, a eventualidade denotada é dinâmica, instantânea e atélica: um *semelfactivo*; a interpretação em que o bebê tossiu por um certo período sugere a repetição da mesma eventualidade de *tossir*, ou seja, um conjunto de eventualidades dinâmicas, instantâneas e atélicas. Uma hipótese para explicar a boa formação de (63) seria dizer que ela deriva da interpretação do predicado *tossir*, como um conjunto de eventualidades de *tossir*. Assim, esse conjunto de eventualidades denotará uma eventualidade maior, com os traços dinamicidade, duratividade e atelicidade, que permite a formação de (63). Essa sentença poderá ser também uma atividade com duração reduzida, ou um *semelfactivo*. Na prática, a interpretação de *semelfactivo* é possível, pois a diminutivização da duração de uma atividade é compatível com a singularização dessa mesma eventualidade. Assim, (63) deriva da versão de atividade de (62),

em que as repetições da eventualidade de **tossir** criam o intervalo de tempo necessário para que a modalização por “um pouco” se aplique a esse predicado, resultando na interpretação de diminutivização, própria das CVLs com **dar**.

De qualquer maneira, ainda que as duas sentenças admitam a leitura em que o bebê tossiu durante um certo tempo, em (63), esse intervalo será, seguramente, menor que em (62). Nesse sentido, observa-se que, se o intervalo de tempo é fixo, a CVL não se forma, pois não é possível interpretar o intervalo de tempo em que a eventualidade que ela denota se realiza como menor que aquele utilizado pela eventualidade denotada pela sentença com o predicado original. Considere as sentenças de (64) a (67):

- (64) O bebê tossiu o tempo todo.
- (65) \*O bebê deu uma tossida o tempo todo.
- (66) ?O nenê deu uma tossida por dois minutos.
- (67) \*O nenê deu uma tossida em dois minutos.
- (68) O bebê tossiu por meia hora sem parar.
- (69) \*O bebê tossiu em dois minutos.

As CVLs em (66) e (67) são estranhas com expressões como “por dois minutos” e não aceitam outras como “em dois minutos”. A eventualidade denotada pela CVL “**dar uma tossida**”, por admitir a interpretação de um limite final arbitrário, é atélica, sendo, então, absolutamente incompatível com expressão “em dois minutos”, como em (67). Inesperada, em princípio, é a estranheza de (66), em que uma expressão tipicamente compatível com predicados que denotam eventualidades atélicas resulta na má-formação da sentença. É interessante observar, no entanto, que uma sentença comum com **tossir**, como (68), é perfeitamente compatível com verbos que expressam interrupção e advérbios de duração. Como vimos acima, (62) pode denotar uma atividade ou um *semelfactivo*. (68), por sua vez, denota uma atividade, já que a expressão “por meia hora”, não se aplica a eventualidades instantâneas como os *semelfactivos*. Nos dois casos, no entanto, as eventualidades são atélicas, justificando a impossibilidade de (69), em que a expressão adverbial “em dois minutos” é apropriada para expressões que denotam eventualidade télicas. O contraste existente entre

a presença de “por dois minutos” e de “em dois minutos” em (66) e (67), respectivamente, indica uma propriedade importante das CVLs, no que concerne à afetação do traço telicidade/atelicidade do predicado que dá origem à nominalização: esses traços só serão afetados se o predicado original não dispuser, em sua composição, do traço duratividade. Isso explica a boa formação dos exemplos de (70) a (73).

(70) João deu uma passeada por uma hora.

(71) O João deu uma empurrada no carrinho por uma hora.

(72) O João deu uma varrida na sala em dois minutos.

(73) A Maria deu uma conferida em todos os livros em um dia.

Nessas sentenças, a duratividade é modalizada, permitindo que a atelicidade não se altere em (70) e (71), que ficam compatíveis com verbos de interrupção e advérbios de duração. Da mesma forma, em (72) e (73), o traço durativo é modalizado, mantendo a telicidade inalterada e, assim, compatível com verbos e advérbios que expressam completude. Em outros termos, uma CVL não pode alterar drasticamente a telicidade ou atelicidade de um predicado, tornando atélico, no primeiro caso, e télico, no segundo. Nem mesmo o estabelecimento de um limite final arbitrário para a eventualidade denotada por uma CVL, como parece ser o caso de “dar uma empurrada no carrinho”, altera esse traço: a atelicidade do predicado original se mantém forte o suficiente para exigir a observação do requerimento de compatibilidade com verbos de interrupção e advérbios de duração.

Para entender a estranheza de (66), portanto, será preciso identificar o traço atingido pela modalização. A presença implícita de duratividade indica que a atelicidade precisa ser afetada, ou a interpretação característica da CVL não se obtém. Mesmo sem tornar-se télica, a CVL contém uma atelicidade modificada em relação ao predicado **tossir**. Essa atelicidade modificada não combina, sem restrições, com verbos de interrupção e advérbio de duração e gera a estranheza de (66). O problema dessa sentença, portanto, está na incompatibilidade entre uma expressão adverbial de eventualidades atélicas e uma expressão que denota uma eventualidade com atelicidade modalizada por “um pouco”.

O comportamento de *tossir* e dos *semelfactivos* em geral difere, então, do comportamento de outros predicados que denotam eventualidades com traço instantâneo, tais como “alcançar o topo da montanha” ou “vencer a prova”: enquanto os primeiros admitem a formação de uma CVL, os últimos continuam a resistir a esse processo. Até aqui, justificamos esse contraste com o traço instantaneidade nos predicados que derivam as CVLs. Se for possível identificar um intervalo de tempo para um conjunto de eventualidades idênticas, como nos *semelfactivos*, a restrição desaparece e a CVL se forma.

Essas observações continuam confirmando a generalização que propusemos até aqui, na medida em que a formação de CVLs tem se mostrado sensível à presença do traço instantaneidade no predicado original. Outros casos de predicados com o traço instantaneidade, no entanto, podem apontar problemas para essa generalização:

(74) A Maria rasgou o jeans. / A Maria deu uma rasgada no jeans.

(75) A Maria imaginou a situação. / A Maria deu uma imaginada na situação.

As CVLs em (74) e (75), ao contrário do esperado, são casos de boa-formação de CVLs. O resultado é inesperado, no entanto, se a generalização formulada até o momento realmente se aplicar. Mais adiante, ao tratar de questões relativas à telicidade, proporei uma reformulação dessa generalização que poderá dar conta desses casos também.

Quanto ao traço estaticidade, (76) e (77) confirmam o que já havia sido apontado antes, ou seja, a restrição à formação da CVL imposta por este traço.

(76) A Maria soube o que fazer. / \*A Maria deu uma sabida no que fazer.

(77) A Maria gostou do João. / \*A Maria deu uma gostada do João.

As propriedades das eventualidades denotadas pelo predicado em (76) e (77) são estaticidade, duratividade e atelicidade. Nos dois casos a formação da CVL é bloqueada. Essa má-formação deve ser atribuída ao traço

estaticidade dos dois predicados, já que o traço durativo favorece a formação da CVL e o traço atélico não se mostrou restritivo quanto a esse processo nos exemplos anteriormente considerados.

Portanto, dos seis traços definidores das classes aspectuais – estaticidade/dinamicidade, duratividade/instantaneidade e telicidade/atelicidade –, observamos que, apesar da alta produtividade do processo de formação de uma CVL, a presença do traço estaticidade e, possivelmente, também do traço instantaneidade impede a formação de uma CVL. O traço instantaneidade e o conseqüente impedimento da formação de uma CVL podem ser neutralizados se várias repetições da mesma eventualidade forem capazes de desencadear uma leitura durativa para uma coleção de eventualidades idênticas. Assim, o comportamento dos *semelfactivos* – instantâneos – pode desviar-se do esperado e admitir a formação de CVLs a partir de predicados que denotam eventualidades como “pisar”, “bater na porta”, “soluçar”, entre outras da mesma natureza.

Outros exemplos serão analisados, para que se verifique se é possível manter a afirmação de que a presença de **estaticidade** e **instantaneidade** pode impedir a formação de CVLs. Assim, por exemplo, os dados mostram que sentenças que denotam atividade, uma eventualidade dinâmica, durativa e atélica, parecem ser o único tipo que não apresenta problemas para esse processo: as CVLs em (78) e (79) são ótimos exemplos. Por outro lado, as eventualidades de *accomplishment* descritas em (80) e (81) não formam CVLs:

(78) João passeou ontem. / João deu uma passeada ontem.

(79) A Maria empurrou o carrinho. / A Maria deu uma empurrada no carrinho.

(80) A Maria construiu uma casa. / ?A Maria deu uma construída na casa.

(81) A Maria destruiu a mesa. / ?A Maria deu uma destruída na mesa.

*Accomplishments* são dinâmicos, durativos e télicos. À primeira vista, a comparação entre os exemplos de atividades de (78) e (79), por um lado, e os exemplos de *accomplishments* de (80) e (81), por outro, poderia nos levar a justificar a estranheza de (80) e (81) pela diferença entre as propriedades que compõem os predicados originais em cada caso. Sendo as atividades eventualidades dinâmicas, durativas e atélicas, e os *accomplishments* eventualidades dinâmicas, durativas e télicas, poderíamos

sugerir que a estranheza de (80) e (81) se deve à ausência do traço atelicidade, presente em (78) e (79), ambas bem formadas. No entanto, a ocorrência da sentença (82), em que verbo **reformar**, também denotador de *accomplishment*, substitui o verbo **construir**, sugere que a generalização não seja exatamente essa. Embora (82) aponte uma diferença de comportamento do predicado “reformar a casa” em relação aos predicados “construir uma casa” e “destruir a mesa”, em (80) e (81), respectivamente, parece que a exceção será, justamente, representada por predicados como esses últimos, já que outros predicados de *accomplishment* se comportam como “reformar a casa”. Veja os exemplos em (83) e (84):

(82) A Maria deu uma reformada na casa.

(83) O João entortou a barra de ferro. / O João deu uma entortada na barra de ferro.

(84) A Maria caminhou até o parque. / A Maria deu uma caminhada até o parque.

Ao apresentar a proposta de Smith (1991), vimos que a mudança de estado que caracteriza a completude nos *accomplishments* pode ocorrer de várias formas, realizando-se em objetos afetados, construídos, consumidos, em experienciadores afetados ou na relação caminho-alvo. A estranheza de (80) e (81) pode se relacionar a essas possibilidades de realização da mudança de estado prevista para os *accomplishments*. Os predicados em (80) e (81) denotam eventualidades em que a mudança de estado se realiza em objetos construídos ou consumidos. Por outro lado, o predicado em (83) denota uma eventualidade em que a mudança de estado se dá no objeto afetado e em (84) denota uma eventualidade cuja mudança de estado ocorre na relação caminho-alvo. (80) e (81) mostram que é justamente com *accomplishment*, em que a mudança de estado envolve um objeto construído ou um objeto consumido, que a CVL não se formará. Outros casos de *accomplishment* não apresentarão problemas para a formação da CVL, como se vê nos exemplos (83) e (84). O predicado em (82), então, que denota uma eventualidade que realiza a mudança de estado em um objeto afetado, não apresenta problemas<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Tim Stowell (comunicação pessoal) foi quem me apontou essa possibilidade.

Repare que a expressão “dar uma bebida no vinho” é possível, pois o vinho não deixa de ser vinho, quando alguém o bebe; por outro lado, “dar uma bebida no copo de vinho” soa estranho. A explicação vem, novamente, da noção de objeto consumido: enquanto o copo de vinho deixa de ser um copo de vinho à medida que alguém bebe do vinho contido nele, o vinho, propriamente dito, não tem suas propriedades alteradas.

Observando as sentenças (83) e (84), percebe-se que elas são o que se chama de *accomplishment* derivado, pois a telicidade verificada nas eventualidades denotadas por essas sentenças decorre de expressões como, por exemplo, “até o parque”, em (84). Assim, pode-se dizer que as eventualidades primitivas não têm um fim intrínseco, mas passam a ter um, decorrente da inclusão dessas expressões na sentença. (85) e (86) mostram versões atélicas desses predicados, que, portanto, denotam atividades:

(85) O João entorta barras de ferro.

(86) A Maria caminha de manhã.

A formação das CVLs no grupo de sentenças (83) e (84) e no grupo de sentenças (85) e (86) pode ser explicada de duas maneiras. Uma primeira explicação sugere que o traço [+/- télico] é neutro em relação ao processo de formação de uma CVL. É difícil garantir a correção dessa explicação, já que, tanto no primeiro conjunto de exemplos, como no segundo, as eventualidades são dinâmicas e durativas, traços que favorecem a formação da CVL e podem justificar esse processo em todos os casos, sem que se precise recorrer ao traço [+/- télico].

Uma outra explicação leva em conta a natureza do traço telicidade dos *accomplishments* e dos *achievements*. Os *achievements* como “matar o bandido”, “perder uma oportunidade”, “encontrar o relógio” ou “chegar a São Paulo”, por exemplo, não admitem a possibilidade de não se realizarem completamente. Por outro lado, *accomplishments* como “entortar a barra de ferro”, “amassar o vestido”, “distrair a Maria” ou “caminhar até a escola” sempre poderão admitir essa possibilidade. Assim, sugiro que entendamos essa noção de completude irreversível de uma eventualidade, que se aplica a grande parte dos *achievements*, mas não aos *accomplishments*, como um traço de **telicidade intrínseca**. Dessa forma, a explicação para a



formação das CVLs nos exemplos de (83) a (86) está na ausência desse traço de telicidade intrínseca, que se manifesta, por exemplo, em alguns predicados de *achievement* e impede a formação da CVL, como se vê em (87) e (88):

(87) \*O João deu uma matada no bandido.

(88) \*A Maria deu uma chegada a São Paulo.<sup>15</sup>

O predicado “ver o cometa” também parece exibir esse traço, que estou chamando de telicidade intrínseca, já que não admite a possibilidade de não se realizar completamente. Como esperado, a formação da CVL “\*dar uma vida/vista no cometa” a partir desse predicado é impossível. Essa observação nos faz pensar nas sentenças em (89) e (90), formadas, respectivamente, dos predicados “abrir a porta” e “imaginar a situação”, que denotam eventualidades dinâmicas, instantâneas e télicas:

(89) O João deu uma abridinha na porta.

(90) O João deu uma imaginada na situação.

Esses predicados denotam eventualidades em que está presente o traço dinamicidade, mas não o traço duratividade. Vimos, até aqui, que sempre que o traço duratividade não estava presente no predicado original, a CVL se formava, se fosse possível identificar o intervalo de tempo que pudesse ser modalizado por “um pouco”. Como estou sugerindo que, no que tange à telicidade, só um traço como telicidade intrínseca bloqueia a CVL, então, a natureza da telicidade nas eventualidades de “abrir a porta” e “imaginar a situação” precisa ser mais bem definida, já que talvez explique a boa formação das sentenças acima. Assim, telicidade intrínseca não poderá ocorrer em nenhum dos predicados que denotam essas eventualidades. Se isso for verdade, todas elas admitirão a possibilidade de não se realizarem completamente. Os exemplos abaixo confirmam a previsão:

---

<sup>15</sup> Como me apontou um dos pareceristas, a sentença “Eu dei uma chegadinha em São Paulo ontem para resolver um problema” é perfeitamente possível. Repare, no entanto, que sua interpretação não é a mesma que se obteria, se a sentença “A Maria deu uma chegada a São Paulo” fosse possível. A interpretação da sentença sugerida pelo parecerista envolve um período de tempo que não se aplica à interpretação pretendida para (88).

(91) O João começou a abrir a porta.

(92) O João começou a imaginar a situação e logo parou.

Com essa observação, podemos dizer que três propriedades temporais impedem a formação de CVLs no português brasileiro: estaticidade, instantaneidade e telicidade intrínseca. Na verdade, se pensarmos que os casos de eventualidades instantâneas que admitem a formação de CVLs são casos de eventualidades atélicas, como *tossir*, ou de eventualidade atélicas, mas não intrinsecamente atélicas, como “abrir a porta”, então os traços que realmente bloqueiam a CVL são apenas dois: estaticidade e telicidade intrínseca.

As observações acima têm duas conseqüências importantes: primeiro, confirmam o que já vimos sobre algumas sentenças denotadoras de *achievement* não admitirem a formação de CVLs, e, além disso, explicam o comportamento do exemplo em (93), derivado de um predicado de *achievement*, na presença de um sujeito como “meu carro”. Veja (94):

(93) \*João deu uma morrida ontem à noite.

(94) Meu carro deu uma morrida ontem à noite.

Para dar conta de (94) podemos recorrer a sua interpretação e verificar se ela é compatível com a noção de incompletude. Em outras palavras, é possível pensar que essa eventualidade não se realize completamente? O exemplo em (95) mostra que sim e o exemplo em (96) mostra que essa eventualidade pode até se repetir, o que significa que ela não se realizou completamente, ou seja, o carro não “morreu” para sempre:

(95) Meu carro começou a morrer ontem à noite, mas eu dei um jeito.

(96) Meu carro morreu várias vezes.

Esse exemplo mostra que telicidade intrínseca não se aplica ao predicado **morrer** no uso que é feito dele nas sentenças de (94) a (96). Assim, a CVL se forma sem problemas.

Em segundo lugar, as observações acima dispensam a necessidade de se recorrer à coleção de eventualidades, usada para explicar como eventualidades instantâneas, como os *semelfactivos*, admitem a formação de CVLs. Uma explicação em termos de coleção de eventualidades não se aplicaria a *achievements*, como “matar o bandido” e ficaria redundante, já que o traço de telicidade intrínseca está presente nos dois casos.

## Conclusão

O quadro delineado neste trabalho mostrou que formação da CVL depende fundamentalmente do tipo de eventualidade denotada pelo predicado do qual se forma. Os traços que impedem a formação de uma CVL são, com certeza, os de estaticidade e telicidade intrínseca, além do estado do objeto atingido por uma eventualidade: um objeto construído ou um objeto consumido apresentam restrições à formação da CVL.

Entre as cinco classes de eventualidades propostas por Smith (1991), apenas uma contém o traço estaticidade em sua composição: os estados. O traço de telicidade intrínseca também se realiza em apenas um tipo de eventualidade: os *achievements*. Entretanto, nem todo *achievement* apresenta o traço telicidade intrínseca e isso explica porque alguns deles podem formar CVLs. Finalmente, o estatuto de objeto construído ou consumido se verifica em apenas duas das cinco possibilidades de realização da mudança de estado dos *accomplishments*. Isso justifica a produtividade do processo de formação de CVLs em PB: serão formadas a partir de sentenças que denotam atividades, *semelfactivos*, *accomplishments* cuja mudança de estado não se realiza em objetos construídos ou consumidos, e *achievements* sem telicidade intrínseca.

SCHER, A.P. Aspectual categories and the light verb constructions with *dar*. *Revista do GEL*, Araraquara, v.2, p.9-37, 2005.

■ **ABSTRACT:** *This paper shows that, despite its high productivity, the occurrence of sentences of the type “dar uma Xada em Y” in Brazilian Portuguese depends on some very well-defined semantic restrictions. Based on the*

*observation of a set of intuitive data, the semantic interpretation that can be attributed to these constructions, where the light verb dar appears in association with -ada nominalization, is described in terms of the temporal features that constitute the aspectual categories. It concludes that the formation of light verb constructions with dar depends on the presence or absence of some of the temporal features that are inherent to the eventualities denoted by the predicates from which these constructions derive.*

■ **KEYWORDS:** *Aspectual categories. Temporal features. Light verbs. Nominalization.*

## Referências

ARISTOTLE, *Metaphysics. The Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation.* Editado por J. Barnes. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1984. v.2.

BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and philosophy*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, v.9, p.5-16, 1986.

BALLY, C. *Linguistic générale et linguistic française.* 3ème.ed. Berne: Éditions A. Francke, 1950.

BASÍLIO, M. Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais. In: DUARTE, L.P. (Coord.). *Para sempre em mim: homenagem a Profa. Ângela Vaz Leão.* Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 1999. p.205-212.

CASTILHO, A.T.de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *ALFA*, Marília, v.12, p.11-133, 1968.

DIESING, M. Light verbs and the syntax of aspect in Yiddish. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, v.1, n.2, p.119-156, 1997.

DOWTY, D.R. *Word Meaning and Montague Grammar: the semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ.* Boston: D.Reidel, 1979.

DOWTY, D.R. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, Washington, DC, v.67, p.547-619, 1991.

JESPERSEN, O. **A modern english grammar on historical principles**. London: George Allen & Unwin; Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1949.

KENNY, A. **Action, emotion and will**. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.

RYLE, G. **The concept of mind**. London: Hutchinson's University Library, 1949.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

TENNY, C. **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel, 1972.

\_\_\_\_\_. **A theory of aspectuality**. Cambridge: CUP, 1993.